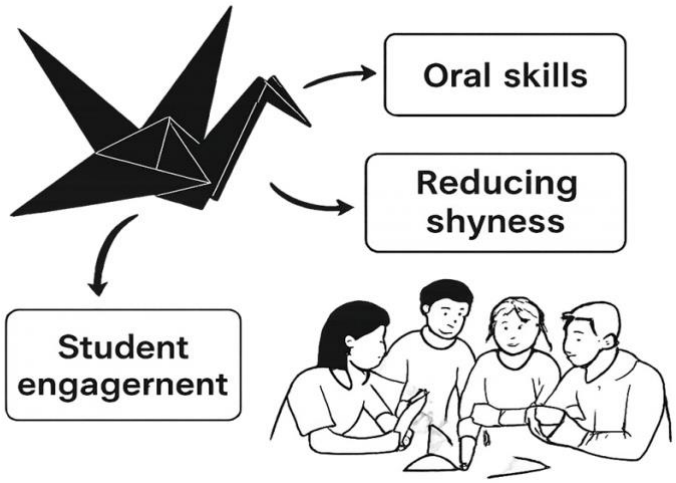
ISSN 2359-4799
Volume 12 / Número 1 / Ano 2026 – p. 01-10
DOI: 10.36524/ric.v12i1.3348

**GRAPHICAL ABSTRACT**




**Origami as a ludic strategy in English language teaching, fostering oral skills, reducing shyness, and boosting engagement through collaborative, experiential learning**

# ORIGAMI COMO ESTRATÉGIA LÚDICA NO ENSINO DE INGLÊS: DESENVOLVENDO A ORALIDADE E SUPERANDO A TIMIDEZ, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*ORIGAMI AS PLAYFUL STRATEGY IN ENGLISH LANGUAGE TEACHING: DEVOLPING ORAL SKILLS AND OVERCOMING SHYNESS, AN EXPERIENCE REPORT*

Wellington Moreira Araujo [1]*, Luana Camila R. Gomes [1] e Isadora Braum do Nascimento [1]

[1]Secretaria Municipal de Educação de Viana. Rua Aspazia Varejão Dias, s/n, Centro, Viana - ES, CEP: 29130-013, Brasil

* wmoreir@hotmail.com

Artigo submetido em 16/11/2025, aceito em 22/07/2026 e publicado em 28/07/2026.

ORCID – Wellington Moreira Araujo: https://orcid.org/0009-0006-3987-0654
ORCID – Luana Camila R. Gomes: https://orcid.org/0009-0008-1486-6688
ORCID – Isadora Braum do Nascimento: https://orcid.org/0009-0009-0565-2060

**Resumo:** O presente trabalho analisa o uso do origami como recurso lúdico no ensino de Língua Inglesa para estudantes do Ensino Fundamental II em uma escola pública no município de Viana, ES. A proposta investiga de que modo a atividade favorece a oralidade, a redução da timidez e o engajamento dos alunos no processo de aprendizagem. O estudo fundamenta-se na ludicidade como elemento facilitador da aprendizagem e nas contribuições da Teoria Sociocultural de Vygotsky, priorizando a interação, a mediação e a cooperação entre pares. A metodologia adota princípios das metodologias ativas, com destaque para as abordagens colaborativa, maker e experiencial, e utiliza instrumentos qualitativos, como observação assistemática e roda de conversa, para analisar percepções, comportamentos e aprendizagens dos estudantes. Os resultados indicam que o trabalho com o origami contribui para a superação de barreiras emocionais, estimula a autoconfiança e amplia o repertório comunicativo em inglês, conforme os princípios de aprendizagem cooperativa. A análise constata que o aprendizado torna-se mais significativo quando integra aspectos cognitivos, afetivos e sociais. O estudo conclui que o uso de práticas manuais e criativas favorece o desenvolvimento linguístico e socioemocional, configurando o origami como uma estratégia eficaz e acessível para o ensino de inglês em contextos públicos.

**Palavras-chave:** Ensino de Línguas; Origami; Ludicidade; Mediação Pedagógica; Autoeficácia.

**Abstract:** This study examines the application of origami as a ludic resource in English language teaching for lower secondary students at a public school in Viana, ES, Brazil. The research investigates how this activity promotes oral proficiency, mitigates shyness, and enhances learner engagement in the acquisition process. Grounded in ludic facilitation of learning and Vygotsky's Sociocultural Theory, which prioritizes interaction, mediation, and peer cooperation, the methodology incorporates active learning principles, focusing on collaborative, maker, and experiential approaches. Qualitative tools, including unsystematic observation and discussion circles, were employed to assess students' perceptions, behaviors, and outcomes. Findings reveal that origami-based activities overcome emotional barriers, bolster self-confidence, and enrich English communicative competence, aligning with cooperative learning frameworks. The analysis demonstrates that integrating cognitive, affective, and social dimensions renders learning more meaningful. Ultimately, the study posits that manual and creative practices advance linguistic and socioemotional growth, establishing origami as a viable, accessible strategy for English instruction in public education settings.

**Keywords:** Origami; Ludic facilitation; Oral proficiency; English language teaching; Public education.

## 1 INTRODUÇÃO

O Ensino Fundamental II constitui uma etapa decisiva na formação escolar, pois marca o início sistemático do aprendizado da Língua Inglesa nas escolas públicas brasileiras, geralmente a partir do 6º ano. Nessa fase, os estudantes se deparam com novos sons, estruturas e expressões, o que desafia suas habilidades cognitivas e comunicativas. Contudo, essa etapa ocorre em um contexto de mudanças geracionais profundas, marcado pela onipresença da tecnologia e pela mediação digital das interações cotidianas.

De acordo com Haidt (2024), a geração atual de crianças e adolescentes, por vezes denominada “geração das telas”, tem apresentado queda nos níveis de concentração, dificuldades de socialização presencial e aumento da sensibilidade ao erro. Tais fatores impactam diretamente os processos de aprendizagem e a disposição para a comunicação oral em sala de aula.

McCrindle e Fell (2020) e Freire e Lourenção (2024) descrevem resultados análogos, caracterizando os jovens contemporâneos como a Geração Alpha. Esta geração, marcada pela hiperconectividade, apresenta redução das

interações face a face e maior vulnerabilidade emocional a julgamentos sociais.

No contexto da escola pública, tais desafios se tornam ainda mais evidentes. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dorival Brandão, localizada no bairro Bom Pastor, município de Viana, ES, observou-se que as turmas de 6º ano "A" e "B" apresentavam dificuldades consistentes nas habilidades orais (*reading* e *speaking*).

Durante atividades de fala ou leitura, manifestações de timidez, risos e recusas explícitas em participar eram frequentes, revelando o desconforto dos estudantes ao se exporem linguisticamente.

Conforme Anjos (2024), a timidez, associada ao medo do julgamento e ao receio de cometer erros, limita a participação oral e perpetua um ciclo de insegurança: a menor exposição do estudante resulta em menor desenvolvimento da confiança, aumentando sua resistência à prática linguística.

Diante desse cenário, o professor deve romper o ciclo de evitação e insegurança, desenvolvendo abordagens que integrem os aspectos cognitivo, afetivo e socioemocional do aprendizado, visando ao engajamento genuíno dos alunos. Nesse sentido, Monkolski et al. (2025) defendem que a ludicidade é um elemento capaz de aproximar o estudante do conhecimento, estimulando a atenção, a curiosidade e a autoconfiança.

Assim, o uso de atividades lúdicas apresenta-se como alternativa metodológica eficaz, pois desperta o interesse, promove a interação e contribui para a redução da ansiedade comunicativa em sala de aula.

Entre as possibilidades de práticas lúdicas aplicáveis ao ensino de línguas, destaca-se o origami, arte japonesa de dobradura em papel. Segundo Monkolski et al. (2025), a atividade estimula a criatividade, a coordenação motora fina e a concentração, além de favorecer a integração entre razão e emoção no processo de aprendizagem, tornando-o dinâmico e interativo.

Alinhada a essa busca, a perspectiva da educação maker, inspirada no construcionismo, preconiza que o aprendizado se otimiza pela construção. Monkolski et al. (2025) destacam a relevância de metodologias ativas e da aprendizagem baseada em projetos nesse contexto.

A realização das dobraduras manuais estimulou o raciocínio prático, a criatividade e a concentração, conectando os conteúdos linguísticos ao fazer concreto.

Essa abordagem lúdica e interativa é particularmente relevante para a Geração Alpha. Conforme McCrindle (2020), esta geração é moldada pela tecnologia e possui familiaridade com dispositivos. O autor sugere que atividades que promovam a formação social e a atenção focada são cruciais para contrabalancear o aumento do tempo de tela e a superficialidade no processo de aprendizagem.

Graeff e Gusmão (2025) reforçam essa perspectiva, discutindo a necessidade de abordagens pedagógicas que, embora reconheçam a familiaridade desses jovens com o digital, também foquem no desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais essenciais.

Quando inserido no ensino de inglês, o origami pode ser utilizado como recurso interdisciplinar e comunicativo, permitindo ao aluno seguir instruções simples no idioma estrangeiro e ampliar seu vocabulário por meio da ação. Dessa forma, o fazer manual torna-se um mediador entre linguagem, imaginação e experiência prática, tornando o aprendizado mais significativo e encantador (LIMA, 2021).

Estudos recentes, como o de Monkolski et al. (2025), já indicam o

potencial do origami para o desenvolvimento de habilidades de expressão oral por meio de dramatizações, promovendo o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Contudo, apesar de estudos recentes (Lima, 2021; Monkolski, 2025) indicarem o potencial do origami para o desenvolvimento de habilidades de expressão oral e a promoção do desenvolvimento cognitivo e emocional, ainda se observa uma lacuna em pesquisas que investiguem a eficácia do origami especificamente como estratégia para a superação da timidez linguística e da ansiedade ao falar em público no ambiente da educação básica.

A timidez, o medo de errar e a insegurança são fatores que impactam significativamente o desenvolvimento da fala em um segundo idioma, conforme destacado por Anjos (2024), que investigou as percepções de professores em formação sobre essas dificuldades.

Adicionalmente, a exposição excessiva a telas e a diminuição da leitura aprofundada, conforme discutido por Freire e Lourenção (2024) e Haidt (2024), podem afetar a concentração e a formação social. Práticas como o origami podem auxiliar a mitigar esses aspectos, promovendo o foco e a interação.

A metodologia adotada também se inspirou na aprendizagem experiencial, conceito abordado por Kolb (1984) e revisitado por Bartle (2015), que permite que o aprendizado ocorra a partir da reflexão sobre a experiência vivida.

A necessidade de investigar essa questão ressalta a importância de práticas que dialoguem com o perfil da geração contemporânea, caracterizada pela velocidade, distração e necessidade de estímulos visuais e concretos. Tais práticas devem integrar elementos manuais e afetivos ao aprendizado acadêmico.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar o uso do origami como estratégia lúdica no ensino de Língua Inglesa, enfatizando seu potencial para estimular a oralidade, reduzir a timidez e promover o engajamento dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II.

Busca-se, assim, contribuir para o debate sobre metodologias inovadoras e emocionalmente sensíveis, capazes de aliar criatividade, ludicidade e aprendizado significativo na formação de alunos desta nova geração.

## 2 PROCESSOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

### 2.1 PROCESSOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa **adotou** uma abordagem de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, conforme preconizado por Gil (2024). Seu objetivo foi investigar a eficácia de atividades lúdicas, especificamente o origami, na superação da timidez linguística e da ansiedade ao falar em público em estudantes da educação básica.

O delineamento metodológico visou aprofundar a compreensão sobre como a integração de elementos lúdicos pode influenciar o desenvolvimento de habilidades de comunicação oral, considerando as particularidades da geração atual de estudantes.

A experiência com o origami também foi planejada de acordo com os princípios das metodologias ativas (Ribeiro Neto et al., 2024; Medrado, 2026), privilegiando o protagonismo discente, a colaboração e a aprendizagem pela ação. A proposta integrou três abordagens complementares: a aprendizagem colaborativa, a educação maker (mão na massa) e a aprendizagem experiencial.

A aprendizagem colaborativa, fundamentada na teoria socioconstrutivista de Vygotsky (1994), contribuiu para a organização dos alunos em pequenos grupos mistos, nos quais prevaleceu a

cooperação e o tutoramento entre pares. Essa disposição possibilitou o compartilhamento de saberes e o fortalecimento da autoconfiança, especialmente entre os estudantes mais tímidos.

Complementarmente, e alinhada a essa busca por um aprendizado ativo e engajador, a perspectiva da educação maker, inspirada no construcionismo, foi incorporada. Nessa abordagem, o aprendizado se dá pela construção, como defendem Monkolski et al. (2025) ao destacar a relevância de metodologias ativas e da aprendizagem baseada em projetos. A realização das dobraduras manuais estimulou o raciocínio prático, a criatividade e a concentração, conectando os conteúdos linguísticos ao fazer concreto.

Por fim, a metodologia considerou o processo da aprendizagem experimental, que envolve um ciclo de quatro etapas: experimentar, observar, conceituar e aplicar, permitindo que o aprendizado ocorra a partir da reflexão sobre a experiência vivida (Bartle, 2015; Kolb, 1984).

Como instrumento metodológico complementar, durante a análise da prática, empregou-se a assistemática. De acordo com Gil (2024), essa técnica permite ao pesquisador registrar, quando ocorrem, eventos significativos em seu contexto natural.

Assim, o professor pesquisador pôde anotar percepções sobre o engajamento dos alunos, o uso da língua inglesa, as interações grupais e as manifestações de timidez ou autoconfiança, identificando aquilo que se mostrava relevante para compreender a experiência didática.

Além disso, recorreu-se à roda de conversa como instrumento de reflexão pós-atividade. Conforme Pinheiro (2020), essa prática constitui uma ferramenta central na pesquisa narrativa, pois propicia um ambiente de diálogo e ressonância entre os participantes, favorecendo a produção coletiva de sentidos sobre a experiência.

Nessa roda, os alunos compartilharam como se sentiram durante a atividade, o que aprenderam e quais dificuldades enfrentaram, contribuindo para a análise qualitativa dos resultados.

A questão norteadora que guiou toda a prática pedagógica e as etapas de análise foi: De que forma o origami, como recurso lúdico, pode favorecer a imersão e o engajamento dos alunos do Ensino Fundamental II no aprendizado da Língua Inglesa?

Essa pergunta orientou tanto o planejamento das ações quanto a observação dos comportamentos e percepções, assegurando coerência entre os objetivos pedagógicos e a interpretação reflexiva da experiência.

## 2.2 DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

A prática foi realizada no mês de outubro de 2025, com as turmas “A” e “B” do 6º ano do Ensino Fundamental II, totalizando 36 estudantes. No 6º ano “A”, organizaram-se cinco grupos mistos com quatro alunos cada (20 alunos); no 6º ano “B”, quatro grupos mistos também com quatro estudantes (16 alunos).

Essa estrutura de trabalho coletivo foi escolhida para favorecer a cooperação e o aprendizado entre pares. Tal escolha alinha-se às sugestões de Nunes (2022) e Monkolski et al. (2025), que destacam o valor da aprendizagem cooperativa para o desenvolvimento de habilidades e interesses, promovendo interações positivas e equitativas em grupos heterogêneos. A atividade foi dividida em duas etapas complementares.

Na primeira, foram trabalhados em inglês como: *fold* (dobrar), *half* (meio), *open* (abrir) e *finished* (terminado), além de estruturas como *fold* in *half* (dobrar ao

meio) e *turn over* (virar para o outro lado). Os alunos praticaram a escrita dessas expressões, a leitura e a pronúncia em voz alta, consolidando o léxico que seria utilizado na fase prática.

Na segunda etapa, iniciou-se a construção do origami "sapo", conduzida pelo professor. Cada grupo recebeu folhas de papel A4 previamente preparadas para a confecção das dobraduras, e um vídeo explicativo foi projetado na lousa digital mostrando o passo a passo.

Durante a execução, o professor verbalizava os comandos em inglês e incentivava a leitura coletiva dos termos correspondentes (*reading*/*speaking*).

Após cada instrução, os alunos executavam o comando, comparavam resultados, apoiavam colegas e repetiam a pronúncia. Essa dinâmica associou ações motoras e vocabulário oral, desenvolvendo a compreensão auditiva e a expressão verbal.

O tempo médio para a realização da atividade foi de 25 a 35 minutos. Durante a prática, observou-se alta participação dos estudantes e envolvimento emocional positivo. Mesmo aqueles que, inicialmente, manifestaram timidez, tornaram-se progressivamente mais confiantes para interagir oralmente. A formação em grupos reforçou o sentido de pertencimento e a disposição para o aprendizado linguístico compartilhado.

Como resultado, os alunos assimilaram de forma mais efetiva o vocabulário apresentado e demonstraram maior autonomia no uso de ferramentas de apoio, como o dicionário. Além disso, mostraram maior entusiasmo e iniciativa para utilizar expressões em inglês relacionadas às ações realizadas.

O trabalho com o origami, portanto, não apenas ampliou o repertório linguístico, mas também fortaleceu a autoconfiança e a cooperação, reduzindo a ansiedade comunicativa e tornando a aprendizagem significativa e prazerosa.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao todo, nas duas turmas envolvidas, foram formados nove grupos de trabalho, totalizando 36 estudantes. Desde o início das atividades, observou-se a presença marcante da timidez e da inibição, especialmente nas habilidades de leitura (*reading*) e fala (*speaking*), quando os alunos eram convidados a participar das leituras coletivas dos comandos em inglês. Apesar dos avanços na execução prática, as expressões orais ainda se mostravam contidas e frequentemente acompanhadas de risos inseguros ou silêncios prolongados.

Além das limitações observadas na produção oral, verificou-se também interferência na habilidade auditiva (*listening*). Durante a prática, as imagens projetadas na lousa digital, embora essenciais para o apoio visual, desviavam a atenção dos alunos da escuta das instruções orais. Isso levava parte deles a se concentrar exclusivamente nas figuras exibidas, em detrimento da compreensão auditiva dos comandos dados pelo professor.

Finalizada a confecção do origami, realizou-se uma roda de conversa com os estudantes, visando compreender as percepções individuais sobre a atividade e investigar as razões associadas à timidez e à atenção auditiva. Nessa discussão foram explorados dois eixos principais:

(a) vergonha de falar em inglês e o medo do julgamento, cujas falas mais representativas foram: "Não sei falar inglês, professora" e "Vão rir de mim";

(b) desvio de atenção para o recurso visual, exemplificado pela afirmação: "Olhei o desenho e não prestei atenção no que o professor falou".

Essas manifestações revelam, conforme Anjos (2024), sentimentos de inferioridade e insegurança que atuam como filtros afetivos, bloqueando a

recepção e o processamento do input linguístico, conceito desenvolvido por Mamadova (2024). O medo de errar, portanto, impede que a informação seja devidamente internalizada comprometendo o desenvolvimento das competências comunicativas.

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de estratégias pedagógicas que atuem como contrapeso ao bloqueio emocional. Nesse sentido, Monkolski et al. (2025) destacam o potencial do lúdico como meio privilegiado de aprendizagem, pois desperta a curiosidade, o envolvimento e a motivação intrínseca dos alunos. Essa motivação, por sua vez, constitui o ambiente afetivo propício à imersão e ao engajamento no aprendizado da língua.

A perspectiva de Paiva (2019) reforça essa compreensão ao salientar que o ensino de línguas deve valorizar metodologias pautadas na interação, no prazer e no significado, elementos fundamentais para a internalização efetiva da língua alvo.

Nesse contexto, o origami revela-se como um recurso concreto capaz de integrar ludicidade e linguagem, transformando o ambiente de sala de aula em um espaço mais acolhedor e ativo, conforme argumenta Lima (2021).

Ao envolver ação manual, percepção visual e verbalização, a atividade contribui diretamente para o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas básicas (*listening*, *speaking*, *reading* e *writing*), ainda que em níveis diferenciados.

Os dados observacionais também confirmam o princípio proposto por Bandura (1977), segundo o qual o êxito em tarefas concretas e significativas funciona como reforço positivo que aumenta a autoconfiança e a crença do aluno em sua própria capacidade de aprender.

A produção tangível, o origami pronto, funcionou como testemunho visível de sucesso, reforçando o sentimento de competência e abrindo espaço para uma relação mais confiante com o idioma.

Outro aspecto relevante foi que, no processo de compreensão e execução das dobraduras, não foram observadas dificuldades significativas. O trabalho em grupo favoreceu a interpretação conjunta das etapas, permitindo que a cooperação entre os alunos compensasse eventuais lacunas individuais de entendimento.

Essa dinâmica corrobora os princípios do sociointeracionismo (Vygotsky, 1994), que postula que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação social, onde a colaboração entre pares e a mediação do conhecimento são fundamentais para a construção de novas aprendizagens e o desenvolvimento de funções cognitivas.

Isso corrobora com o que defendem Nunes (2022) e Santos (2024) ao enfatizarem os benefícios da aprendizagem cooperativa para o suporte mútuo e o equilíbrio de responsabilidades em atividades práticas.

## 4 CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

A experiência pedagógica com o uso do origami como recurso lúdico no ensino de Língua Inglesa demonstrou resultados expressivos no enfrentamento da timidez e na promoção da participação ativa dos estudantes do Ensino Fundamental II.

A atividade confirmou que a integração entre o fazer manual e o uso comunicativo da língua estrangeira favorece a compreensão, a autonomia e o engajamento, além de fortalecer o vínculo afetivo entre alunos e professor.

A metodologia colaborativa adotada mostrou que o aprendizado se consolida de maneira mais efetiva quando mediado pela interação e pela cooperação entre pares. Isso está em consonância com

os princípios da Teoria Sociocultural de Vygotsky (1994) e com as contribuições de Nunes (2022) e Santos (2024) sobre aprendizagem cooperativa.

Ao transformar a sala de aula em um ambiente participativo e criativo, a ludicidade proporcionada pelo origami rompeu o ciclo de evasão oral e contribuiu para a superação dos bloqueios emocionais que dificultavam o uso do inglês em situações espontâneas.

Observou-se que o ambiente lúdico, afetivo e cooperativo reduziu barreiras emocionais, tornando a aprendizagem mais leve, significativa e prazerosa. A prática demonstrou, ainda, que a integração de dimensões cognitivas, afetivas e sociais amplia o alcance das estratégias de ensino, reafirmando o papel do professor como mediador entre conhecimento e experiência, linguagem e emoção.

Desse modo, o uso do origami revelou-se uma estratégia pedagógica eficaz para desenvolver simultaneamente competências linguísticas e socioemocionais, atuando como um ponto de convergência entre a criatividade, a ação significativa e a cooperação.

A abordagem evidencia o potencial das metodologias ativas. Ao promoverem o engajamento e a aprendizagem pela experiência, estas possibilitam a formação de aprendizes autônomos, criativos e críticos, capazes de interagir com o idioma inglês de maneira contextualizada e confiante.

Como perspectiva de pesquisa futura, sugere-se investigar o impacto de outras atividades lúdicas e manuais, como música, teatro, pintura ou modelagem, no desenvolvimento da oralidade e na redução da ansiedade comunicativa em estudantes de língua inglesa.

Estudos comparativos entre práticas baseadas em metodologias ativas poderão oferecer novos parâmetros para o ensino de idiomas, sustentados em abordagens que conciliem ludicidade, emoção e construção coletiva do conhecimento.

Em síntese, a prática com o origami reafirma que o prazer em aprender e o ato de criar são expressões complementares de uma educação que se faz viva, significativa e transformadora.

Ancorada em princípios ativos, essa educação coloca o aluno no centro do processo e devolve à sala de aula seu caráter de espaço humano de descoberta, expressão e crescimento.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, R. P. dos. **A dimensão afetiva no ensino de línguas: desafios da timidez em sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

BANDURA, A. **Social learning theory.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1977.

BARTLE, Emma. **Experiential Learning: An Overview.** Brisbane: Institute for Teaching and Learning Innovation, The University of Queensland, 2015. Disponível em: https://itali.uq.edu.au/files/1264/Discussion-paper-Experiential_learning_an_overview.pdf. Acesso em: 17 jun. 2026.

FREIRE, N. P.; LOURENÇÃO, L. G. Menos Face, mais Books: a importância da leitura para a saúde mental dos adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.00632024. Acesso em: 16 jun. 2026.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2024.

GRAEFF, A. P.; GUSMÃO, M. L. A Geração Alpha e os Desafios da Formação Docente: Multimodalidade, Tecnologia e Competências Socioemocionais. **Revista**

**Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 1173-1187, abr. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.51891/rease.v11i4.1870. Acesso em: 21 jun. 2026.

HAIDT, J. **The anxious generation:** how the great rewiring of childhood is causing an epidemic of mental illness. New York: Penguin Press, 2024.

KOLB, D. **Experiential learning**: experience as the source of learning and development. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

LIMA, L. J. Almeida. Origami em sala de aula: arte, criatividade e ludicidade no ensino e na aprendizagem da língua inglesa no fundamental. **Cadernos da Pedagogia**, v. 15, n. 32, 2021. Disponível em: https://cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1493. Acesso em: 16 jun. 2026.

MAMADOVA, K. Steven Krashen's Theory of the Second Language Acquisition. **Elmi Journal**, Baku, v. 18, n. 11, p. 81-87, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.36719/2663-4619/108/81-87. Acesso em: 17 jun. 2026.

MEDRADO, P. A. da S. Contribuições da cultura maker para o desenvolvimento de competências no século XXI, com foco específico em sua integração ao ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista DELOS**, Curitiba, v. 19, n. 77, p. 01-17, 2026. Disponível em: http://dx.doi.org/10.55905/rdelosv19.n77-053. Acesso em: 20 jun. 2026.

MCCRINDLE, Mark; FELL, Ashley. **Understanding Generation Alpha**. Norwest NSW: McCrindle Research Pty Ltd, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342803353_UNDERSTANDING_GENERATION_ALPHA. Acesso em: 16 jun. 2026.

MONKOLSKI, J. G. de F. et al. The use of origami in the development of logical thinking, motor coordination, and socioemotional growth. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE**, São Paulo, v. 11, n. 8, p. 160-177, ago. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.51891/rease.v11i8.20517. Acesso em: 16 jun. 2026.

NUNES, R. C. **Aprendizagem cooperativa no ensino de línguas:** estratégias para o engajamento discente. Rio de Janeiro: Wak, 2022.

PAIVA, V. L. M. de O. **Ensino e aprendizagem de línguas:** prazer, significado e interação. Campinas: Pontes, 2019.

PINHEIRO, P. de S. Rodas de conversa: um instrumento metodológico possível. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 31, e20190041, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0041. Acesso em: 18 jun. 2026.

RIBEIRO NETO, João; MAIA, Lucas Emanuel de Oliveira; MENEZES, Daniel Brandão; VASCONCELOS, Francisco Herbert Lima. A cultura maker como metodologia ativa de ensino: contribuições, desafios e perspectivas na educação. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas,** [S. l.], v. 25, n. 1, p. 107-115, 2024. DOI: https://doi.org/10.17921/2447-8733.2024v25n1p107-115. Disponível em: https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/11179. Acesso em: 20 jun. 2026.

SANTOS, Jefferson Lhamas dos. Ensino e aprendizagem de língua inglesa na educação básica: o adolescente e sua subjetividade. **Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino — REPPE,** [S. l.], v. 8, n. 2, p. 2976-2990,

2024. Disponível em: https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/reppe/article/view/1488. Acesso em: 16 jun. 2026.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1994.